

**DESINFORMAÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO NO HAITI: REDES SOCIAIS,
INSTABILIDADE E DIREITOS HUMANOS¹**

**DISINFORMATION AND HATE SPEECH IN HAITI: SOCIAL MEDIA, INSTABILITY, AND
HUMAN RIGHTS**

**DESINFORMACIÓN Y DISCURSO DE ODIO EN HAITÍ: REDES SOCIALES,
INESTABILIDAD Y DERECHOS HUMANOS**

Maxo St Victor²

Introdução

A circulação de desinformação e de discursos de ódio nas redes sociais haitianas intensificou-se nas últimas décadas, assumindo papel decisivo na configuração das tensões políticas e sociais do país. Em um contexto marcado por fragilidade institucional, disputas pela legitimidade do poder e crise prolongada de governabilidade, as plataformas digitais tornaram-se espaços estratégicos de produção e disputa de narrativas.

Essas narrativas influenciam percepções públicas, amplificam conflitos, estigmatizam grupos sociais e enfraquecem mecanismos democráticos de deliberação, configurando um ambiente propício a violações de direitos humanos. A presença crescente desses fenômenos no debate digital haitiano possui raízes históricas mais profundas.

Conforme demonstram Trouillot (1990; 1995), a memória coletiva haitiana sempre foi atravessada por disputas simbólicas, silenciamentos e manipulações discursivas. As redes sociais atualizam essas dinâmicas, potencializadas pela velocidade de circulação da informação e pela limitada capacidade estatal de regulação.

Em complemento, a perspectiva foucaultiana entende o discurso como prática de poder, capaz de produzir regimes de verdade e estruturar hierarquias sociais

¹Resumo apresentado ao GT Redes Sociais e os desafios da desinformação e hate speech, na 4ª Semana de Direitos Humanos da Universidade Federal de Rondônia: Os desafios para os direitos humanos na era digital

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Possui Mestrado em História, Memória e Patrimônio e Graduação em História pela Universidade Estadual do Haiti (UEH). E-mail: stvictormaxo@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2872105903344770> ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8814-5548>

(Foucault, 2008). No ambiente digital haitiano, essa lógica se manifesta na legitimação de certas versões da realidade e na marginalização de outras.

A Análise Crítica do Discurso, especialmente a partir de Fairclough (1989; 1995) e Van Dijk (1993; 2006), aprofunda essa compreensão ao evidenciar como textos e enunciados reforçam ideologias, constroem representações e reproduzem desigualdades. Somam-se a isso contribuições como as de Mbembe (2018), cujo conceito de necropolítica ilumina os processos pelos quais determinados grupos são desumanizados e tornados mais vulneráveis por discursos de ódio e medo amplamente disseminados.

Neste cenário, o presente trabalho analisa como desinformação e discursos de ódio que circulam nas redes sociais haitianas contribuem para a intensificação da instabilidade política e social, bem como para padrões contemporâneos de violação de direitos humanos. A investigação baseia-se em análise de conteúdo (Bardin, 2016) e análise crítica do discurso, examinando padrões narrativos, estratégias retóricas e estruturas ideológicas presentes em postagens digitais, relatórios de organizações de direitos humanos e documentos oficiais.

A relevância do estudo reside na necessidade de compreender criticamente o papel que as práticas desinformacionais desempenham na manutenção de tensões políticas e na legitimação de violências discursivas e materiais. Ao examinar os mecanismos pelos quais essas narrativas são produzidas, disseminadas e apropriadas no Haiti, o trabalho contribui para o debate internacional sobre desinformação e oferece subsídios para reflexões sobre políticas públicas, proteção de direitos humanos e fortalecimento democrático no país.

Referencial Teórico

A compreensão da desinformação e do discurso de ódio no Haiti exige um arcabouço teórico capaz de articular dimensões discursivas, históricas e políticas que se entrelaçam na produção de sentidos e na disputa pela legitimidade das narrativas. Os aportes de Foucault (2008), Fairclough (1989; 1995), Van Dijk (1993; 2006), Trouillot (1990; 1995), Butler (1997) e Mbembe (2018) constituem um conjunto interpretativo sólido, cuja força analítica emerge menos da exposição isolada de cada autor e mais do diálogo entre suas perspectivas.

A reflexão inicia-se pelo reconhecimento de que o discurso não se limita a comunicar ideias, mas opera como prática social capaz de ordenar relações de poder e produzir regimes de verdade, conforme enfatiza Foucault (2008). Essa concepção fornece chave interpretativa essencial para compreender por que certas narrativas

sobre o Haiti ganham status de evidência incontestável, enquanto outras são marginalizadas ou silenciadas.

Entretanto, essa dinâmica não pode ser analisada apenas como efeito de dispositivos abstratos de poder: ela se materializa linguisticamente, o que aproxima a crítica foucaultiana das contribuições de Fairclough (1989; 1995) e de Van Dijk (1993; 2006). Ambos mostram que textos – incluindo aqueles que circulam nas plataformas digitais – incorporam escolhas lexicais, estruturas argumentativas e estratégias de representação que reproduzem desigualdades e sedimentam ideologias.

Assim, discursos de ódio e conteúdos desinformativos não são desvios excepcionais, mas manifestações discursivas ancoradas em relações históricas de dominação. Esse ponto encontra ressonância no trabalho de Trouillot (1990; 1995), ao demonstrar que a história haitiana sempre foi atravessada por silenciamentos estruturais, disputas pelo controle da narrativa e hierarquizações das vozes autorizadas a falar sobre a nação.

No ambiente digital contemporâneo, essas disputas se intensificam: a rapidez da circulação informacional amplia a capacidade de atores individuais e coletivos de reiterarem versões seletivas da realidade, reforçando padrões históricos de exclusão. Assim, a desinformação não é fenômeno novo, mas atualização tecnológica de antigos mecanismos de manipulação simbólica.

A dimensão performativa do discurso, abordada por Butler (1997), aprofunda essa análise ao mostrar como enunciados podem constituir formas de violência. O discurso de ódio, nesse sentido, não apenas descreve sujeitos como ameaças, mas produz efeitos concretos de vulnerabilização, afetando a dignidade e o reconhecimento social de grupos historicamente estigmatizados.

Essa vulnerabilidade se torna ainda mais evidente quando articulada à necropolítica de Mbembe (2018), que ilumina modos pelos quais determinadas populações são representadas como descartáveis ou perigosas, legitimando práticas políticas que naturalizam desigualdades e violência. Ao colocar esses autores em diálogo, percebe-se que os discursos digitais sobre o Haiti operam no cruzamento entre poder, historicidade e violência.

A desinformação e o discurso de ódio não se reduzem a falsidades pontuais: constituem dispositivos de produção de sentido que reorganizam hierarquias sociais, atualizam silenciamentos históricos e naturalizam a desigualdade. Essa compreensão teórica justifica a pertinência de examinar criticamente os discursos que circulam nas redes sociais haitianas, sobretudo em um contexto marcado por instabilidade política, fragilidade institucional e disputas intensas pela hegemonia narrativa.

A relevância desta investigação decorre justamente dessa articulação. Em um país cuja imagem pública foi historicamente construída por lentes coloniais e racializadas, compreender o funcionamento dos discursos digitais significa revelar como representações aparentemente neutras perpetuam imaginários depreciativos sobre o Haiti e sua população.

O estudo contribui, assim, para debates internacionais sobre desinformação ao demonstrar que a manipulação discursiva se inscreve em processos históricos longos, e não apenas em problemas tecnológicos contemporâneos. Além disso, oferece subsídios críticos para formulação de políticas públicas que visem fortalecer mecanismos democráticos, promover práticas comunicacionais responsáveis e salvaguardar direitos humanos diante da expansão de narrativas que desumanizam e estigmatizam populações vulnerabilizadas.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e documental, voltada à análise de narrativas digitais amplamente difundidas sobre o Haiti. O corpus foi composto por reportagens, notas informativas e publicações on-line de acesso público, selecionadas por apresentarem recorrência de enquadramentos negativos, ausência de contextualização histórica e representações generalizantes sobre o país.

A análise foi conduzida em duas etapas complementares. Primeiro, aplicou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016) para identificar unidades de sentido e padrões discursivos predominantes, como a associação automática entre Haiti e violência, a generalização de características atribuídas à população haitiana e a omissão de fatores históricos estruturantes.

Em seguida, essas categorias foram interpretadas criticamente à luz do referencial teórico, considerando o discurso como prática de poder (Foucault, 2008), mecanismo de produção ideológica (Fairclough, 1989; Van Dijk, 2006), expressão de silenciamentos históricos (Trouillot, 1995) e forma de violência simbólica (Butler, 1997; Mbembe, 2018).

Essa articulação metodológica permitiu examinar como conteúdos aparentemente informativos contribuem para a reprodução de narrativas estigmatizantes e para a consolidação de imaginários que afetam a dignidade e os direitos da população haitiana. Como o estudo utiliza exclusivamente fontes públicas, não implica riscos éticos e segue princípios de responsabilidade interpretativa.

Resultados e Discussão

A análise do corpus revelou padrões discursivos consistentes na representação do Haiti em conteúdos digitais amplamente difundidos. O primeiro padrão identificado foi a reprodução sistemática de narrativas que associam o país à violência extrema, frequentemente sem contextualização histórica, política ou socioeconômica. Essa recorrência cria um enunciado hegemônico que, ao reduzir a complexidade haitiana a episódios de violência, naturaliza a ideia de um país intrinsecamente caótico.

Essa fixação discursiva opera como prática de poder, tal como apontado por Foucault (2008), ao estabelecer um regime de verdade que define o que pode ser dito e reconhecido como legítimo sobre o Haiti. Esse padrão pôde ser observado de maneira particularmente evidente nas plataformas de vídeo.

Nas buscas realizadas no YouTube, observou-se que muitos vídeos internacionais recorrem a títulos fortemente alarmistas, como “Crisis in Haiti” (2024) e “Inside Haiti’s Brutal Gang War” (2025), que utilizam expressões como “caos” e “collapse”, enquanto a seção de comentários apresenta recorrência de discursos de ódio e racismo, configurando um espaço no qual emergem vocabulários dramatizantes e metáforas de violência.

A repercussão internacional desses enquadramentos também reforça e amplifica as narrativas de caos que circulam nas redes sociais haitianas: em sessão recente no Conselho de Segurança, o representante da ONU descreveu o país como imerso em “impunidade e caos”, uma formulação que ecoa e fortalece as narrativas digitais alarmistas e contribui para a intensificação da percepção global de instabilidade (“Security Council LIVE”, 2025).

Outro resultado relevante foi a predominância de generalizações que homogeneízam a população haitiana, diluindo a diversidade de experiências sociais em categorias amplas como “os haitianos” ou “a sociedade haitiana”. Exemplos desse tipo de formulação aparecem em diversas publicações, como comentários que atribuem características negativas a “os haitianos” de forma indiscriminada, sugerindo que toda a população seria cúmplice da violência ou incapaz de se autogovernar.

No Reddit, esse padrão aparece em tópicos nos quais usuários tratam “os haitianos” como um grupo uniforme, reforçando a ideia de uma identidade coletiva associada à desordem (“Haiti - Recherche Reddit !”, [S.d.]) Essas construções discursivas reiteram fronteiras simbólicas e reforçam processos de estigmatização, conforme evidenciado por Van Dijk (2006), para quem representações negativas de grupos historicamente vulnerabilizados funcionam como mecanismos de reprodução ideológica.

No corpus analisado, essas generalizações contribuem para sedimentar percepções que tratam o Haiti como um todo indistinto, atravessado exclusivamente por desordem e incapacidade política. A análise mostrou ainda que a ausência de contextualização histórica não é apenas uma lacuna informativa, mas um mecanismo discursivo que desloca as responsabilidades pelas crises haitianas, atribuindo-as exclusivamente à população local. A leitura desses silenciamentos encontra respaldo no argumento de Trouillot (1995), segundo o qual a produção narrativa sobre o Haiti historicamente seleciona quais eventos são destacados e quais são omitidos.

No material examinado, essa ausência reforça a ideia de um país “fracassado”, desvinculando-o de processos coloniais, interferências estrangeiras e dinâmicas globais que moldaram suas estruturas contemporâneas. Outro achado significativo foi a presença de enunciados que operam como atos simbólicos de violência, mesmo quando formulados em linguagem aparentemente descritiva.

Expressões que opõem o Haiti a países considerados “estáveis” ou “civilizados” produzem hierarquias implícitas que reforçam a desumanização do povo haitiano. Essa lógica confirma a advertência de Butler (1997) de que certos discursos não apenas descrevem sujeitos, mas os constituem como vulneráveis.

Aliás, após a Proclamação da Independência do Haiti em 1º de janeiro de 1804, as potências coloniais da época o consideraram um grande desafio político e se recusaram a reconhecer a nova nação. Desde o alvorecer do Haiti em 1804, o Ocidente nunca foi capaz de aceitar, compreender e conviver com os princípios que regem a independência traumática do berço dos Direitos Humanos fundamentais (Seitenfus, 2015, p. 62).

Essa independência não foi aceita nem mesmo pelos Estados Unidos, o único país do continente americano que havia alcançado a independência antes do Haiti. Os Estados Unidos somente reconheceram a independência do Haiti em 1862 e a França exigiu pesada compensação financeira para aceitar essa libertação (Seitenfus, 2015, p. 63).

Esse processo de negação prolongada não apenas isolou o Haiti no sistema internacional, mas também alimentou representações racializadas que passaram a justificar, no plano diplomático norte-americano, sua desqualificação política e humana.

[...] O Haiti tornou-se um Estado pária, isolado, desprezado e vulnerável. As relações entre os dois países, de 1804 a 1864, desenvolvem-se sobre esse pano de fundo. Na percepção dos oficiais norte-americanos, o Haiti é sobretudo um Estado povoado por “selvagens” que devem ser reprimidos e ignorados no plano diplomático (Léonard, 2003, p. 224).

Em alguns casos, a associação de grupos haitianos à ameaça ou ao caos aproxima-se de uma construção discursiva que, conforme analisado por Mbembe (2018), legitima a vulnerabilidade extrema de populações tratadas como descartáveis no imaginário social. Os resultados evidenciam que esses discursos, ao circularem repetidamente em plataformas digitais de grande alcance, não apenas influenciam percepções públicas, mas também constroem formas específicas de visibilidade e invisibilidade.

Tal fenômeno confirma o argumento de Fairclough (1989) de que textos midiáticos não são neutros: eles moldam relações sociais ao selecionar determinadas interpretações em detrimento de outras. No caso haitiano, essa seleção tende a privilegiar representações que reforçam visões negativas já consolidadas e historicamente difundidas.

Por fim, as categorias identificadas — violência, generalização, ausência de contexto e hierarquização simbólica — demonstram que a desinformação sobre o Haiti não se limita à circulação de informações falsas. Trata-se de um processo discursivo estruturado, sustentado por omissões, enquadramentos seletivos e construções linguísticas que naturalizam desigualdades simbólicas.

A articulação desses elementos confirma que os discursos analisados operam dentro de um campo de força no qual representações depreciativas são reiteradas e legitimadas, afetando diretamente a compreensão pública do Haiti e contribuindo para a manutenção de imaginários que impactam a dignidade e os direitos de sua população.

Considerações Finais

O estudo demonstrou que a desinformação e os discursos de ódio que circulam nas redes sociais sobre o Haiti constituem elementos centrais na construção de um imaginário que reforça estigmas históricos e hierarquias simbólicas. A análise revelou que enquadramentos alarmistas, generalizações e silenciamentos estruturais atuam como práticas discursivas que reproduzem desigualdades, influenciam percepções públicas e impactam a dignidade da população haitiana.

Os resultados confirmam que esses discursos não operam isoladamente: eles se articulam a processos históricos de marginalização internacional e à persistência de visões racializadas sobre o país. Nesse sentido, a desinformação não representa apenas a difusão de informações falsas, mas a atualização de narrativas antigas que naturalizam a instabilidade haitiana e deslocam responsabilidades pelos problemas enfrentados.

Conclui-se que compreender criticamente esses mecanismos discursivos é essencial para o fortalecimento democrático e para a proteção dos direitos humanos no Haiti. A pesquisa indica a necessidade de estratégias de comunicação responsáveis, maior contextualização histórica e políticas capazes de reduzir a circulação de conteúdos estigmatizantes. Ao evidenciar como essas narrativas são produzidas e legitimadas, o estudo contribui para ampliar o debate sobre práticas informacionais e seus efeitos sociais em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Desinformação; Hate speech; Haiti; Redes sociais; Direitos humanos.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, J. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.

Crisis in Haiti. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDymdEQ2Hys>. Acesso em: 18 nov. 2025. , 13 mar. 2024

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, No. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. London: Longman, 1995.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª reimpr. da 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Haiti - Recherche Reddit ! [S.d.]. Disponível em: https://www.reddit.com/r/worldnews/search/?q=Haiti&restrict_sr=1. Acesso em: 18 nov. 2025.

Inside Haiti's Brutal Gang War. [S.l.: s.n.]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J0DpA0uP_Sw. Acesso em: 18 nov. 2025. , 1 ago. 2025

LÉONARD, R.-M. "L'indépendance d'Haïti perceptions aux États-Unis, 1804-1864", 2003. DOI: [10.3406/outre.2003.4052](https://doi.org/10.3406/outre.2003.4052). Disponível em: https://www.persee.fr/doc/outre_1631-0438_2003_num_90_340_4052. Acesso em: 19 jun. 2025.

MBEMBE, A. **Necropolítica. Hiopodon soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Security Council LIVE: UN discusses next phase to curb Haiti gang violence, step up aid | UN News. 22 out. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2025/10/1166162>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SEITENFUS, R. "O buraco negro da consciência ocidental", **Letras de Hoje**, p. s62–s75, 2015. DOI: [10.15448/1984-7726.2015.s.23140](https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23140). .

TROUILLOT, M-R. **Haiti: State Against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism**. New York: Monthly Review Press, 1990.

TROUILLOT, M-R. **Silencing the Past: Power and the Production of History**. Boston: Beacon Press, 1995.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and Power**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Elite Discourse and Racism**. Newbury Park: Sage, 1993.